

UNIVERSIDADE HOLÍSTICA CARMEM ROMANI SUNACAI

Sacerdotisas
Ciganas Egipcias

Prof. Rhose de Souza

AS SACERDOTISAS E AS SUAS INICIAÇÕES



Fazendo uma retrospectiva histórica e mitológica do papel da mulher ao longo dos tempos, constatamos seu papel milenar como mediadora entre os planos divino e humano. Desde os primórdios da humanidade, coube às mulheres a responsabilidade de perceber os avisos, os sinais e as manifestações sobrenaturais e transmiti-los à comunidade.

Sacerdotisas Ciganas Egipcias

Durante os pelo menos 35 mil anos em que Deus foi mulher, as mulheres –representantes da Deusa na Terra – foram respeitadas por seu poder de conceber e nutrir a vida e por sua profunda conexão com os planos sutis e a natureza.

As mulheres eram regidas pela Lua e a ela estavam conectadas por meio de seus ciclos menstruais. Considerada uma representação da Deusa, a Lua era honrada pelas mulheres por meio de reuniões nas Cabanas Lunares ou Tendões Vermelhas, durante a fase da Lua Negra ou em sua fase menstrual, nas quais se dedicavam à introspecção, ao silêncio, à cura, à conexão com o divino ou o contato com as suas ancestrais e Matriarcas dos clãs.

Esse retiro visava não somente a renovação e o fortalecimento pessoal, mas era também uma oportunidade de trabalhar em benefício da comunidade.

A percepção sutil intrínseca à natureza feminina tornava-se muito mais ampla e aguçada durante a menstruação, permitindo às mulheres atravessarem mais facilmente os véus que separam os mundos. Ao retornarem de seu isolamento, as mulheres traziam mensagens e orientações dos ancestrais, dos seres da natureza e das Deusas, sendo assim reconhecidas e honradas como porta-vozes do além.

Nas culturas matriarcais do período neolítico, a mulher continuava desempenhando sua função de intermediária entre o sagrado e o profano, fosse como sacerdotisa, profetisa ou visionária. Ao visitar lugares sagrados em Malta, Sicília, Creta e Grécia, pude comprovar in loco a existência de inúmeras câmaras oraculares, de nichos para sonhos incubatórios e de janelas especiais nas paredes dos inúmeros templos, aonde a comunidade ia para ouvir a voz da Deusa, manifestada por meio das suas sacerdotisas.

Sacerdotisas Ciganas Egipcias

Localizado na Grécia em Delfos, o mais famoso oráculo do mundo antigo era dedicado a Python, a grande serpente sagrada, filha partenogenética da Terra, que personificava o espírito profético de Gaia. Lá, após rigorosas purificações e preparações, as sacerdotisas oraculares – chamadas pitonisas – entravam em transe e transmitiam as mensagens para todos aqueles que as procuravam. Mesmo após a usurpação do templo pelos sacerdotes de Apolo, o oráculo continuou sendo atributo das sacerdotisas, pois Python transmitia seus segredos apenas às mulheres.

Com o advento das sociedades patriarcais, as mulheres perderam seus direitos, sendo dominadas, subjugadas, perseguidas e silenciadas. No Império Romano, as mulheres ainda desempenhavam funções sacerdotais, mas foram excluídas da vida social, não tendo permissão para estudar ou para falar em público. A educação era reservada apenas às cortesãs, para que pudessem entreter os homens com sua erudição. O cristianismo, por meio de seus dogmas, proscricções e proibições, marginalizou e aniquilou definitivamente os valores femininos, excluindo as mulheres do sacerdócio, relegando-as às funções procriadoras e ao serviço do lar, da família e da comunidade.

Nos dogmas cristãos por não ter sido criada à imagem e semelhança de Deus (mas da costela de Adão, um homem), por ter comido da Árvore do Conhecimento seguindo o conselho da serpente e por ter sido castigada com a expulsão do Paraíso e para parir com dores, a mulher tornou-se a origem de todos os males infligidos à humanidade, sendo vista como a fonte do pecado, do mal e da luxúria. A consequência foi sua total desconsideração, passando a ser julgada incapaz de pensar e proibida de falar.

A repressão religiosa, familiar e social colocou vendas nos olhos e mordaças na boca das mulheres, que, outrora, representavam a origem da vida e a fonte da sabedoria.

Após os horrores da Inquisição, as mulheres levaram ainda alguns séculos para emergir da escuridão, até que, no início do século passado, conseguiram recuperar o direito de falar, trabalhar e votar. O século XX pode ser considerado a retificação dos dezenove séculos de opressão e silêncio forçado, facilitando a compreensão do movimento feminista como um pêndulo oscilando entre dois extremos.

Ávidas por expressão, as mulheres foram à luta na tentativa de recuperar o tempo perdido. Hoje ninguém mais duvida de sua capacidade, seja na área social, política, econômica ou científica, seja no setor literário, artístico, terapêutico ou místico. Pagando o alto preço da jornada dupla ou tripla de trabalho, a mulher saiu do anonimato e está conquistando um lugar ao sol, competindo de igual para igual com os homens. E é neste ponto que o pêndulo perde seu equilíbrio: as mulheres, ao assumir características que não são intrínsecas à sua natureza – imitando o comportamento e apropriando-se dos valores ou do linguajar masculino – exageram sua autoafirmação e querem ser ouvidas a qualquer custo.

Talvez por isso a mulher contemporânea fale demais, esquecendo-se que somente no silêncio pode ser ouvida sua voz interior; que sua força não vem da agressividade ou da combatividade, mas sim da compreensão, da sensibilidade, da criatividade, da ponderação e da sabedoria. Por mais que o mundo exterior a solicite, pressione ou agrida, a mulher moderna precisa lembrar como se proteger e como se fortalecer, buscando dentro de si seu verdadeiro eu, ouvindo sua sabedoria inata e expressando, com convicção e competência, seu potencial de maga: saber, querer, ousar... e calar.

MIRELLA FAUR

AS SACERDOTISAS E AS INICIAÇÕES



A mulher é a mais bela expressão da Divindade, seja no Cosmo e na Natureza, seja na Sociedade. Como reflexo potencial do Aspecto Materno e Feminino de Deus e do Universo, a mulher deve também expressar as 7 funções sagradas do Eterno Feminino, que são: Gerar, Gestar, Parir, Nutrir, Educar, Manter e Absorver.

Sacerdotisas Ciganas Egipcias

A mulher é a expressão da Natureza velada através de suas **FUNÇÕES SAGRADAS**.

A Sacerdotisa deve ser, para o sacerdote, simultaneamente: **Esposa, Irmã, Mãe, Filha e Deusa**.

Mas o que é ser uma Sacerdotisa, uma Iniciada?

A Sacerdotisa é aquele Ser, encarnado em corpo de mulher, que potencializa em seu interior, por meio do autoconhecimento, arquétipos sagrados que nos tornam unos com a Realidade, o Todo e a Verdade.

Dentro do ser humano, independentemente de sexo, raça, religião e condições sociais diversas, há duas forças que se combatem mutuamente desde o início dos tempos.

São a ovelha e o lobo interiores.

A ovelha é aquela nossa Essência, ou Alma, a Chispa Sagrada que veio das estrelas, do centro mesmo da galáxia, do coração cósmico que nos deu vida. E o Lobo são as forças que nos mantêm aprisionados a Maya, às ilusões fascinantes, o canto das sereias que nos ata e mata.

Essas duas forças interiores são as duas sendas da vida, a Senda Horizontal, da vida profana e sem metas, o existir por existir; e a Senda Vertical, a que nos leva diretamente ao mais profundo de nossa Alma e coração.

A mulher, quando decide trabalhar sobre si mesma, eliminando seus bloqueios, traumas, fobias, condicionamentos, complexos e ilusões sensoriais, passa a trilhar por uma Senda que a levará a encarnar princípios espirituais sagrados que foram apresentados em todos os mitos, religiões e tradições iniciáticas.

Esses princípios, ou mitos sagrados, femininos são as sacerdotisas, as profetisas, as heroínas, as deusas e as supermulheres (no sentido mais espiritual do termo).

A Sacerdotisa e as Iniciações

A Iniciação é a sua própria vida. Se você quer a Iniciação, escreva-a sobre uma vara.

A Iniciação é algo muito íntimo da Alma.

Existem nove Iniciações de Mistérios Menores e cinco importantes Iniciações de Mistérios Maiores. É a Alma que recebe as Iniciações.

O discípulo pode subir as nove arcadas, pode atravessar todas as nove Iniciações de Mistérios Menores, sem haver trabalhado com o Arcano AZF (a Magia Sexual). Todavia, é impossível entrar nos Mistérios Maiores, sem a Magia Sexual (o AZF).

No Egito, todo aquele que chegava à Nona Esfera recebia inevitavelmente de lábios a ouvidos o segredo terrível do Grande Arcano (o Arcano mais poderoso, o Arcano AZF).

As Responsabilidades da Sacerdotisa

As Sacerdotisas, como os Sacerdotes, têm uma grande responsabilidade espiritual. Seu estado moral, de pureza e exemplo de vida refletem sobre todo o ambiente social ao seu redor, em geral, e sobre toda a comunidade e os que dela participam, em particular, especialmente nos exemplos e na conduta.

A mulher deve ser modelo de obediência espiritual e dedicação ao seu trabalho porque é um símbolo vivo da Mãe Divina.

Como exemplo vivo da Mãe junto à comunidade, cabe também à Sacerdotisa participar ativamente da psicologia da comunidade, da consciência grupal e das naturais dificuldades iniciáticas individuais de cada irmão (questionamentos, crises emocionais, provas etc.).

As Sacerdotisas, com sua intuição, sentido de observação e na busca da função acalentadora e compreensiva de Mãe, Instrutora, Líder e Iniciada, deverão zelar veladamente pelo bem estar de todos ao seu redor.

As mulheres são as “sacerdotisas do templo”. Portanto, além de se darem o respeito, devem igualmente fazerem-se respeitadas pela comunidade por seus conhecimentos, sabedoria, desprendimento, anelo de servir à Causa e, principalmente, seus exemplos de vida.

Para maior compreensão, a mulher deve estudar e meditar nas seguintes obras: Tarot e Cabala, Mãe Divina e seus 5 aspectos; sobre a mulher e as Deusas dos diversos mitos (deusas greco-latinas, astecas, nórdicas etc.).

A MULHER, A LUA E SEUS CICLOS



Na Antigüidade, o ciclo menstrual da mulher seguia as fases lunares com tanta precisão que a gestação era contada por luas.

Com o passar dos tempos, a mulher foi se distanciando dessa sintonia e perdendo, assim, o contato com seu próprio ritmo e seu corpo, fato que teve como consequência vários desequilíbrios hormonais, emocionais e psíquicos.

Para restabelecer essa sincronicidade natural, tão necessária e salutar, a mulher deve se reconectar à Lua, observando a relação entre as fases lunares e seu ciclo menstrual. Compreendendo o ciclo da Lua e a relação com seu ritmo biológico, a mulher contemporânea poderá cooperar com seu corpo, fluindo com os ciclos naturais, curando seus desequilíbrios e fortalecendo sua psique.

Para compreender melhor a energia de seu ciclo menstrual, cada mulher deve criar um Diário da Lua Vermelha, anotando no calendário o início de sua menstruação, a fase da lua, suas mudanças de humor, disposição, nível energético, comportamento social e sexual, preferências, sonhos e outras observações que queira.

Para tirar conclusões sobre o padrão de sua Lua Vermelha, faça essas anotações durante pelo menos três meses, preferencialmente por seis.

Após esse tempo, compare as anotações mensais e resuma-as, criando, assim, um guia pessoal de seu ciclo menstrual baseado no padrão lunar. Observe a repetição de emoções, sintonias, percepções e sonhos, fato que vai lhe permitir estar mais consciente de suas reações, podendo evitar, prever ou controlar situações desagradáveis ou desgastantes.

Do ponto de vista mágico, há dois tipos de ciclos menstruais determinados em função da fase lunar em que ocorre a menstruação.

Quando a ovulação coincide com a lua cheia e a menstruação com a Lua Negra (acontece nos três dias que antecedem a lua nova, entendido como o quinto dia da lua minguante), a mulher pertence ao Ciclo da Lua Branca. Como o auge da fertilidade ocorre durante a lua cheia, esse tipo de mulher tem melhores condições energéticas para expressar suas energias criativas e nutridoras por meio da procriação.

Quando a ovulação coincide com a lua negra e a menstruação com a lua cheia, a mulher pertence ao Ciclo da Lua Vermelha. Como o auge da fertilidade ocorre durante a fase escura da lua, há um desvio das energias criativas, que são direcionadas ao desenvolvimento interior, em vez do mundo material.

Diferente do tipo Lua Branca, que é considerada a boa mãe, a mulher do Ciclo Lua Vermelha é bruxa, maga ou feiticeira, que sabe usar sua energia sexual para fins mágicos e não somente procriativos.

Ambos os ciclos são expressões da energia feminina, nenhum deles sendo melhor ou mais correto que o outro. Ao longo de sua vida, a mulher vai oscilar entre os ciclos Branco e Vermelho, em função de seus objetivos, de suas emoções e ambições ou das circunstâncias ambientais e existenciais.

Além de registrar seus ritmos no Diário da Lua Vermelha, a mulher moderna pode reaprender a vivenciar a sacralidade de seu ciclo menstrual.

Para isso, é necessário criar e defender um espaço e um tempo dedicado a si mesma. Sem poder seguir o exemplo das suas ancestrais, que se refugiavam nas Tendias Lunares para um tempo de contemplação e oração, a mulher moderna deve respeitar sua vulnerabilidade e sensibilidade aumentadas durante sua lua.

Ela pode diminuir seu ritmo, evitando sobrecargas ao se afastar de pessoas e ambientes carregados, não se expondo ou se desgastando emocionalmente, e procurando encontrar meios naturais para diminuir o desconforto, o cansaço, a tensão ou a agitação.

Com determinação e boa vontade, mesmo no corre-corre cotidiano dos afazeres e obrigações, é possível encontrar seu tempo e espaço sagrados para cuidar de sua mente, de seu corpo e de seu espírito.

Meditações, banhos de luz lunar, água lunarizada, contato com seu ventre, sintonia com a deusa regente de sua lua natal ou com as deusas lunares, visualizações dos animais de poder, uso de florais ou elixires de gemas contribuem para o restabelecimento do padrão lunar rompido e perdido ao longo dos milênios de supremacia masculina e racional.

Sacerdotisas Ciganas Egipcias

O mundo atual – em que a maior parte das mulheres trabalha – ainda tem uma orientação masculina. Para se afastar dessa influência, a mulher moderna deve perscrutar seu interior e encontrar sua verdadeira natureza, refletindo-a em sua interação com o mundo externo.

Texto de Mirella Faur